

CHICO BUARQUE E O FUTEBOL

CHICO BUARQUE ET LE FOOTBALL

Ana Maria Clark Peres*

Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância do futebol na vida, nas canções e em algumas crônicas de Chico Buarque.

PALAVRAS-CHAVE

Chico Buarque, futebol, canções e crônicas

(...) há certos momentos de genialidade do futebol, daquela capacidade de improviso, alguns relances que acontecem no futebol, que artista nenhum consegue produzir.

(Chico Buarque – entrevista publicada no jornal O Globo, 10 maio 1998.)

É notória a paixão de Chico Buarque pelo universo futebolístico, e muito já se comentou a respeito. Neste trabalho, intento apontar alguns fatos que assinalam sua importância na vida do compositor (relatados em diversas reportagens e entrevistas concedidas por ele) e, sobretudo, verificar como o futebol aparece em suas crônicas e em suas canções.¹

O MOLEQUE E A BOLA

Desde cedo, Chico jogava bola:

(...) eu fui um moleque de rua normal, de jogar bola e ter muitos amigos, além de muitos irmãos (seis). Nunca fui uma criança fechada, nem mesmo introvertida. Pelo contrário,

* acperes.bh@terra.com.br

¹ Com relação aos romances, ressalto tão somente que em *Budapeste* nomes de personagens e lugares foram extraídos de nomes dos jogadores da lendária seleção húngara de 1954, vice-campeã mundial e uma das mais importantes da história do futebol. Já em *Benjamim*, as personagens são nomeadas de forma bastante incomuns; trata-se, na verdade, de nomes e sobrenomes do antigo time de futebol de botão do autor do romance. Cf. MACHADO. A vida dupla de Chico Buarque.

eu era até extrovertido em demasia, mas tinha todo um mundo particular e imaginário, que preenchia meu tempo livre. Eu gostava de narrar jogos de futebol de botão. (...) Joguei muita bola, no tempo do ginásio e do Científico, mas quando entrei na faculdade, parei de jogar bola por um bom tempo.²

Seu time de futebol de botão se intitulava “Politheama”, nome esse que adotou mais tarde para um time real, e tinha até um hino composto por ele.³ O garoto jogava sozinho e também propunha campeonatos com amigos:“(…) era no chão de madeira, na casa dos meus pais, e pá, pá, pá, horas jogando botão.”⁴

Nascido no Rio de Janeiro em junho de 1944, aos 2 anos de idade Chico e a família se mudaram para São Paulo e, nessa cidade, o garoto jogava bola com amigos na rua em que residiu inicialmente, a Haddock Lobo; já em férias no Rio, jogava na praia. Sabe-se que, na adolescência, ele até pensou em seguir a profissão de jogador:

Mas eu queria mesmo ser jogador. Cheguei a tentar fazer um teste no Juventus lá em São Paulo. Fui à Rua Javari, levei chuteira, fiquei na arquibancada horas e horas e não me chamaram. Acho que o *physique du rôle* não convenceu o técnico. Passou o tempo todo e ele mandou eu voltar outro dia. Eu não voltei. Não cheguei a colocar à prova o meu talento...⁵

O BRASILIANO

Tendo interrompido suas “peladas”, primeiro em razão do curso de Arquitetura na USP (logo abandonado) e depois, de sua carreira musical alavancada pelo sucesso de “A banda”, vencedora do II Festival de Música Popular Brasileira promovido pela TV Record em 1966, Chico voltou a jogar por um tempo durante seu autoexílio na Itália, de 1969 a 1970, no Mentana, time que disputava o Campeonato Italiano de Dilettantes.⁶ Lá, chegou, inclusive, a servir de motorista para Garrincha:

Eu morava em Roma, quando o Garrincha chegou com a Elza Soares, que foi fazer uma temporada de shows. Eles foram esticando por lá, fizemos amizade. Fiquei mais próximo do Garrincha, mesmo porque, ao contrário da Elza, ele não tinha muito o que fazer. Ele já não podia atuar profissionalmente, mas era muito popular e ganhava algum dinheiro para jogar bola nos arredores de Roma. Eram pequenos estádios, cujas arquibancadas lotavam para ver o Garrincha. Eu tinha muito orgulho de levá-lo para cima e para baixo no meu pequeno Fiat.⁷

² CALADO. O eterno mistério.

³ Eis o refrão do hino: “Politheama, Politheama, o povo clama por você/Politheama, Politheama, cultiva a fama de não perder”. Em grego, o nome do time significa “muitos espetáculos”.

⁴ REVISTA CAROS AMIGOS.

⁵ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

⁶ “Tudo ia bem até que o técnico, ao final de um treino, lhe estendeu uns trocados à guisa de pagamento. O quê?! – indignou-se o craque *brasiliano*: embolsar dinheiro, ainda que simbólico para jogar futebol?!” WERNECK. Agora eu era herói, p. 18.

⁷ ANDREATO. Papo cabeça pra pensar.

Na Itália, o compositor criou ainda um jogo de tabuleiro inspirado no futebol e batizou-o de “Ludopédio”. Ao retornar ao Brasil, a Grow lançou-o comercialmente, com esse mesmo nome, e mais tarde o relançou, de forma simplificada, intitulado-o “Escrete”, ambos fora de linha atualmente.

O MÚSICO-JOGADOR

Comenta-se frequentemente que são dois os hábitos prediletos do compositor: caminhar e jogar bola. Em entrevista publicada em 1995 no *Jornal do Brasil*, mencionando o fato de que seu cachorro (Miguilim) gostava de ter sempre uma bola de tênis na boca, ele afirma: “Jogar bola é isso, você volta a ser aquele cachorro que no fundo você é [risos]. Existe uma certa mania de intelectualizar o futebol, mas eu acho isso uma bobagem, não consigo falar mais de dois minutos sobre futebol. Eu gosto é de jogar.”⁸ E quando está no Rio, ele joga três vezes por semana no campo de seu time, o “Politheama”, time esse, aliás, que nunca teria perdido uma partida.⁹

Como jogador, a posição que mais detesta atualmente é a de goleiro. Tendo optado pelo ataque, tem “prazer em servir o centroavante”. E acrescenta: “Eu gosto de fazer gol, mas essa coisa que chamam de assistência é formidável. Entregar uma bola de bandeja e fingir que não foi você que fez o gol. Foi você que fez o gol, claro.”¹⁰

Quando está fora do Rio, não abandona a prática do futebol, uma vez que, ao realizar shows no exterior, seu contrato normalmente inclui uma “pelada”:

(...) tenho jogado por aí: Paris, jogo bastante em Portugal, em Angola, em toda parte. Até em Cuba consegui jogar futebol... Não jogam nada! (...) Lá em Paris tem um campinho que eu jogo sempre, aqueles campinhos da Prefeitura na periferia, com grama sintética. Sempre tem uma pelada, com latino-americanos e africanos – o francês de uma forma geral não gosta muito de pelada. Eu não cheguei a largar nenhuma reunião para jogar futebol, mas deixei de ir a algumas.¹¹

Sua paixão é tanta, que ele chega a se apresentar como jogador:

A última vez eu estava no Marrocos. O que o pessoal lá gosta de futebol é impressionante. Essa coisa de que brasileiro gosta de futebol, brasileiro gosta de mulher, brasileiro gosta de carros... No Marrocos, pelo menos de futebol eles gostam mais do que brasileiro. Só falam de futebol. A última vez que eu falei que era jogador de futebol no Brasil foi no táxi. Aí o motorista olhou para minha cara e disse: “Ex-jogador, né?” Mas eu menti bastante. Falei até que tinha ido para a Copa de 82. Só que o cara sabia todos os jogadores. Aí eu falei: “Não, eu fiquei no banco, estava machucado. Eu era reserva do Sócrates.”¹²

⁸ NOGUEIRA. Jogando por música.

⁹ Trata-se, na verdade, de “três campinhos” que Chico batizou de Centro Recreativo Vinicius de Moraes. SILVA. *Chico Buarque*, p. 109.

¹⁰ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

¹¹ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

¹² FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

O mesmo já ocorreu numa chegada a Paris:

Um funcionário do aeroporto notou que havia uma certa movimentação em torno de Chico e perguntou se ele era alguma estrela. “Sou um famoso jogador de futebol”, afirmou, estufando o peito. “E aquela caixa de violão na esteira?”, perguntou, cético, o funcionário. “É o disfarce para as minhas chuteiras.”¹³

O TORCEDOR

No Rio de Janeiro, o time predileto do compositor é o Fluminense; na capital paulista, torce para o São Paulo. Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, em 1995, ele declara sobre o time carioca:

Sou tricolor e vou ser a vida inteira, mas não me identifico com a torcida do Fluminense. Até hoje não consigo entender por que cantam aquela música da “bênção, João de Deus”. Eu ouvia cantar aquilo, morria de vergonha. Deixei de ir ao Maracanã. Além do mais, gosto do futebol ofensivo, o que foge à tradição do Fluminense. (...) Você não escolhe um time. Você escolhe um time por influência de alguém, ou para contrariar alguém. Fui levado por minha mãe, que era tricolor, e passei a torcer pelo clube. Ou você é ou não é. Sou tricolor, e acabou.¹⁴

Mas seu grande ídolo no futebol é um ex-jogador da fase áurea do Santos, na década de 1950: Pagão, o centroavante Paulo César de Araújo. Aliás, a camisa 9 que ele usa nas partidas que disputa é uma homenagem a Pagão, que vestia essa camisa:

Eu morava em São Paulo. Tive meus ídolos do Fluminense desde 1949 e adorava o Castilho. No princípio queria ser goleiro. Aos 12 anos, já moleque peladeiro, mudei de ídolo e queria ser Pagão. Todo jogo ia vê-lo. Quando voltava para casa, tentava imitar aquele seu drible de calcanhar. Passou o tempo e ficou o apelido de Pagão no futebol, assinava a súmula como Pagão, até que, em dezembro, quando gravei um especial para TV, finalmente o conheci. Ele me deu uma camiseta autografada e eu lhe prometi que ainda o convidaria para dois dias aqui no Rio comigo.¹⁵

O especial para a TV ao qual Chico se refere, transmitido pela TV Bandeirantes em 1984, acabou por ser incluído no DVD *Chico: o futebol*, e nele é registrado esse encontro com o ídolo. O compositor afirma, no documentário, que sempre teve “loucura” pelo ex-craque, comparando-o a Tom Jobim, na música.¹⁶ Além de Pagão, o DVD também registra a visita de Pelé ao estádio do Politeama e elogios eloquentes de Chico a outros ídolos: Garrincha e Canhoteiro. Numa entrevista concedida em 1998, ele declara:

Canhoteiro era um gênio. As pessoas o comparam ao Garrincha. Ele jogava na ponta esquerda, era um driblador, só que tinha um drible na corrida, mais veloz, não parava como o Garrincha. Ele tinha essa coisa lúdica igual ao Garrincha: você ria vendo o

¹³ ZAPPA. Chico, canto e verso, p. 48.

¹⁴ NOGUEIRA. Jogando por música.

¹⁵ O GLOBO. Chico vai passando para o clima da Nova República.

¹⁶ Se aqui um jogador é comparado a um músico, mais tarde, na canção “O futebol”, o jogador superaria o artista, na percepção de Chico.

Canhoto jogar. O ataque do São Paulo era Maurinho, Dino Sani, Gino, Zizinho e Canhoto. Naquele ataque dos meus sonhos falta o Zizinho, que só não está porque não sobrou espaço. Ele é o técnico desse meu ataque.¹⁷

Não apenas Pagão e Pelé passaram pela sede do Politeama; outros jogadores ilustres a visitaram, igualmente, como Zizinho, Nilton Santos, Silva, Tostão, Zico, Júnior, Leandro, Reinaldo, Sócrates, Romário e Ronaldo.¹⁸

Na Itália, em 1970, Chico também já tinha escolhido seus times prediletos:

(...) eu torço pra Fiorentina, mas não tem nada que ver. Torço, mas sem entusiasmo. Esse ano eu estou torcendo para o Cagliari porque a Fiorentina está fora do páreo. Então eu estou torcendo furiosamente pela Cagliari por uma questão de mérito e depois pelo Nenê, que joga no Cagliari, um brasileiro que joga pra burro. (...) E o Riva, que é excepcional.¹⁹

Por tudo o que se lê a respeito, tem-se a impressão de que, quando se refere a Chico Buarque, o futebol não pode deixar de se intrometer no comentário. Aliás, o próprio Chico confirma essa impressão. Por exemplo, numa das raras entrevistas concedidas por ele nos últimos tempos, à revista *Brazuca*, editada em Paris até um tempo atrás, seus entrevistadores relatam: “‘Se tiver bola, eu dou a entrevista’. Essa foi a única exigência do nosso companheiro de pelada, Chico Buarque, numa caminhada entre o metrô e o campo. Uma bola.”²⁰

O CRONISTA

Se numerosas são as entrevistas de Chico Buarque sobre o futebol, curiosamente o restante de sua produção sobre o assunto não é tão vasto. Iniciemos pelas crônicas.

Enquanto permaneceu na Itália, de 1969 a 1970, ele foi correspondente do extinto jornal *O Pasquim*. Numa crônica intitulada “Um tricolor em Roma”, fala, por exemplo, da emoção de, morando fora do país, ter recebido a notícia de que o Fluminense ganhara o campeonato carioca daquele ano. No início da crônica, há uma reflexão poética sobre as paixões de um torcedor do Rio de Janeiro, com a criação de um neologismo: o verbo “flamengar”. Para o cronista, torcer pelo Fluminense é fugir do comum:

Ser antiflamenguista é ostentar no meio da cara um diploma de ressentido. É detestar Mangueira, o carnaval e tudo o que cheira a popular e unânime. O neném desmamado, o menino asmático e o homem traído, esses terão sempre o direito de gritar contra o Flamengo. Por isso mesmo é muito fácil ser rubro-negro. Fácil de mais. É como ser a favor do sol no meio do deserto, ou comemorar o Dia da Árvore no coração da Amazônia. Aliás, nunca existiu um flamenguista. *Flamengar é verbo imperfeito que só se conjuga no plural. Por exemplo: E advogo, tu bates o ponto, ele mata mosquito; nós flamengamos, vós flamengais, eles flamengam.* Mas torcer pelo Fluminense, modéstia à parte, requer outros talentos. Precisa saber dançar sem batucada. O tricolor chora e ri sem ninguém por perto. Ele merece um campeonato, ele merece.²¹

¹⁷ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

¹⁸ Cf. HOMEM. *Histórias de canções*: Chico Buarque, p. 261.

¹⁹ O PASQUIM. Meu compadre Chico Buarque ou dos prazeres e vantagens de ficar pobre.

²⁰ CARIELLO; ARAÚJO. Chico Buarque, na Brazuca: “Podendo eu vou até os 95”.

²¹ BUARQUE. Um tricolor em Roma, grifo nosso.

Vários anos mais tarde, Chico relativiza sua paixão pelo Fluminense ao afirmar que gosta mais de futebol do que do clube do coração.²²

Mas é em 1998 que o compositor vai se estender longamente sobre o assunto, em crônicas instigantes, como colunista dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, durante 40 dias, por ocasião da Copa do Mundo realizada na França. Ainda que tivesse como função justamente comentar as partidas, Chico insiste em declarar que não é um especialista no assunto:

A gente gosta das coisas que não entende; as coisas que entende a gente não gosta. Eu entendo de quê? De gramática, de trigonometria! Mas eu não gosto dessas coisas... Futebol eu sou um apreciador, mas eu nem acompanho muito bem uma partida. Estou prevenindo sobre isso porque eu vou escrever sobre futebol e quero que as pessoas saibam que vão ler textos de quem não observa talvez muito objetivamente um jogo de futebol. Eu gosto tanto de futebol que, muitas vezes, assistindo a uma partida, eu me desligo inteiramente do que está acontecendo. *Uma jogada bonita, por exemplo, que é interrompida, eu fico imaginando o que é que poderia acontecer e fico ainda um tempo parado naquilo.* E aí a bola já está no outro lado do campo, e se me perguntarem o que aconteceu eu não sei reproduzir, porque estava pensando em outras possibilidades. Então é isso: eu não quero que esperem de mim uma análise muito objetiva.²³

De fato, em suas crônicas, Chico opta muitas vezes pela ficcionalização dos fatos, como será visto mais adiante. No site oficial do compositor,²⁴ estão registradas seis crônicas, a saber: “Nossos craques são todos mais artistas”; “Com meus botões”; “O moleque e a bola”; “Gritos e sussurros”; “Até a próxima”; e “Os melhores momentos”.

No primeiro texto, o tom é saudosista. O autor se recorda de copas passadas que acompanhou por meio de seu radinho de pilha, na infância e na adolescência, como a de 1950, no Maracanã, em que o Brasil foi derrotado, na partida final, pelo Uruguai. A figura de Pelé, em diversas copas, é ressaltada poeticamente:

A parede de vidro, suspeito agora que foi o Pelé quem a espatifou a socos, no gesto que aos nossos olhos desentendidos parecia solto no ar. É a impulsão com que Pelé celebrava o gol chegava a superar aquela, já extraordinária, com que subira para cabecear. Era como se, na celebração do gol, o homem saltasse de dentro do atleta. Não só com a alegria, mas sobretudo com o orgulho que fez falta a Garrincha, Pelé impunha-se ao estádio, antes mesmo que o estádio o aclamasse. Ou coroa a si próprio, como Napoleão ao deixar o Pala de mãos abanando.²⁵

Na crônica “Com os meus botões”, Chico relembra seu time de futebol de botão (“botões, para a garotada daquele tempo, eram venerados como ícones, beijados, polidos com flanela, concentrados em caixa de charuto e inegociáveis”), além de perpetuar, na fantasia, seus ídolos do passado:

²² CHICO O futebol.

²³ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque, grifo nosso.

²⁴ Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br>>.

²⁵ BUARQUE. Nossos craques são todos mais artistas.

Desde já discordo de quem, concordando comigo, sustenta que o futebol era muito mais bonito no passado. Ao contrário de nós mortais, que éramos todos mais bonitos no passado, os craques do passado são ainda melhores hoje. Penduraram as chuteiras, mas na permanente edição da nossa memória vão produzindo novos lances memoráveis. Posso vê-los sempre de uniforme, uniformes diferentes uns dos outros, num vestiário com o teto cheio de chuteiras penduradas. Reúnem-se em torno do técnico, ouvem a preleção em silêncio, mas não prestam muita atenção. Dispensam alongamentos, entram em campo e já começam a jogar. Não dão entrevistas. Não fazem cera, não atrasam a bola, não cobram lateral, não ficam na barreira, faz cada qual o que lhe dá na telha. E no entanto exibem um belo conjunto, mantendo-se invictos há anos e anos, mesmo porque contra eles não há quem se atreva a jogar.²⁶

Já a crônica “O moleque e a bola” é chamada por José Miguel Wisnik de “artigo iluminador”, tendo em vista a maneira como Chico distingue os “donos do campo” dos “donos da bola”, pela maneira de se jogar futebol em países ricos e em países pobres:

Os pobres são os folgados, os esbanjadores, os exibicionistas, matam a bola no peito, a bola gruda ali que nem uma goma e o locutor francês faz “ôôôô, bien joué, magnifique!” Ou, como diz o locutor brasileiro, eles têm intimidade com a bola. De fato controlam, protegem, escondem, carregam a bola para cima e para baixo, e em vez de intimidade, talvez tenham ciúmes dela. Já os ricos são alunos de outra escola, uma escola prática. Recebem a bola e um-dois, tocam, recebem, desprendem-se dela, não fazem questão dela, correm soltos por toda parte. Parecem conhecer e ocupar melhor o espaço de jogo, podendo se dizer que têm intimidade com o campo. Assim, quando se enfrentam países ricos e países pobres (...) estão se enfrentando os donos do campo e os donos da bola.²⁷

E Chico prossegue, fazendo elucubrações poéticas sobre a “pelada”:

(...) a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeira, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. (...) O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo. Daí, quando o moleque encara uma bola de couro, mata a redonda no peito e faz a embaixada com um pé nas costas. E quando ele corre de testa erguida no gramado liso feito um mármore, com a passada de quem salta poças por instinto, é uma elegância. Mas se a bola de futebol pode ser considerada a sublimação do coco, ou a reabilitação do ovo, ou uma laranja em êxtase, para o peladeiro o campo oficial às vezes não passa de um retângulo chato. Por isso mesmo, nas horas de folga, nossos profissionais correm atrás dos rachas e do futevôlei, como o Garrincha largava as chuteiras no Maracanã para bater bola em Pau Grande. É a bola e o moleque, o moleque e a bola.²⁸

A quarta, “Gritos e sussurros”, reproduz o título do clássico filme de Ingmar Bergmann, cineasta admirado por Chico. Após comentar diferenças de hábitos entre o brasileiro e o francês (por exemplo, “brasileiros não compreendem um povo que pode se afeiçoar a caracóis, bem mais do que a um jogo de bola”), o cronista passa a tecer considerações sobre a cidade de Paris, as quais culminam na admiração por seus ídolos futebolísticos de todos os tempos, que ele compara de alguma forma a grandes escritores e artistas:

²⁶ BUARQUE. Com meus botões.

²⁷ Cf. WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 60.

²⁸ BUARQUE. O moleque e a bola.

Bebi um conhaque, e agora sou tomado de carinho por esta cidade. A noite é propícia para uma caminhada, tendo cessado a chuva. Brillham as pedras do calçamento antigo, pedras arredondadas tipo pé-de-moleque, o que me traz súbito desejo de sapatear. Sapateio e, sinceramente, consigo tirar um belo som, que repercute na rua estreita. Vejo então uma janela que se abre, vejo surgir a cabeça de uma senhora de touca, sua cara nada boa, posso ver sua garganta, já sei o que ela vai gritar, mas dobro a esquina e aperto o passo. Atravesso o Sena, desço as Tulherias, deslizo pé ante pé por ruas cheias de glória, de placas, de luto. Aqui nasceu Voltaire, aqui viveu Victor Hugo, Cézanne pintava nesta casa, Debussy morreu aqui, e lá vou eu mais orgulhoso que Paris, pensando em Nilton Santos, Zizinho, Pagão, pensando em Castilho, Píndaro e Pinheiro.²⁹

Em “Os melhores momentos”, deparamo-nos com um pequeno conto em que se assiste às deambulações de um brasileiro solitário em Paris durante a Copa, dividido entre os jogos, a lembrança da mulher que permaneceu no Brasil (e que odeia futebol) e as visitas aos locais turísticos da cidade.³⁰ Já na sexta crônica, “Até a próxima”, Chico retoma a narração em primeira pessoa, relatando suas próprias deambulações por bares, restaurantes e ruas francesas, nos quais colhe comentários os mais diversos sobre a seleção brasileira.³¹

O COMPOSITOR

Em mais de uma ocasião, Chico Buarque afirmou que compôs menos canções abordando o futebol do que gostaria de ter feito. Mas a verdade é que, mesmo não sendo tão numerosas, há diversas composições a respeito.

Nos anos 1960, uma breve menção ao futebol (ou à “pelada”) já aparece em trecho de “Meu refrão” (1965):

Já chorei sentido
De desilusão
Hoje estou crescido
Já não choro não
Já brinquei de bola
Já soltei balão
Mas tive que fugir da escola
Pra aprender essa lição

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão.

Nesse momento, o compositor canta a rotina do homem comum; aqui se trata de um sambista: “Eu nasci sem sorte / Moro num barraco / Mas meu santo é forte / E o samba é meu fraco.” Lembremos que, mesmo sendo filho de um dos maiores intelectuais brasileiros, Sérgio Buarque de Holanda, na infância o menino Chico compartilhava com o sambista de “Meu refrão” o prazer em jogar bola na rua.

²⁹ BUARQUE. Gritos e sussurros.

³⁰ BUARQUE. Os melhores momentos.

³¹ BUARQUE. Até a próxima.

Alguns anos mais tarde, em “Com açúcar e com afeto” (1968), composta a pedido de Nara Leão e primeira canção de Chico que apresenta um eu lírico feminino, o futebol entra para ilustrar o lazer do brasileiro-padrão: “Sei que alguém vai sentar junto / Você vai puxar assunto / Discutindo futebol”. No mesmo ano, em “Bom tempo”, são ainda retratadas as distrações do brasileiro comum, com a intromissão do time do coração do compositor em determinado trecho:

No compasso do samba
Eu disfarço o cansaço
Joana debaixo do braço
Carregadinha de amor
Vou que vou
Pela estrada que dá numa praia dourada
Que dá num tal de fazer nada
Como a natureza mandou
Vou satisfeito, a alegria batendo no peito
O radinho contando direito
A vitória do meu tricolor.

Em 1966, ele já revelara: “O meu samba é das coisas cotidianas e é urbano.”³²

Durante sua temporada na Itália, logo após o nascimento da filha Sílvia, Chico compõe uma canção endereçada ao cantor Ciro Monteiro:

[Ele] ameaçou mandar uma camisa do Flamengo pra minha filha. Disse que é uma coisa que ele faz sempre que nasce filho de amigo, mas acho que ele não encontrou portador e acabou não mandando a camisa. Aí eu fiz a música de resposta, dizendo que ela recebeu a camisa, trocou as cores e teve a sabedoria de se tornar tricolor desde tenra idade.³³

Trata-se da composição intitulada “Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar casaca de neném” (1969):

Amigo Ciro
Muito te admiro
O meu chapéu te tiro
Muito humildemente
Minha petiz
Agradece a camisa
Que lhe deste à guisa
De gentil presente
Mas caro nego
Um pano rubro-negro
É presente de grego
Não de um bom irmão
Nós separados
Nas arquibancadas
Temos sido tão chegados
Na desolação

³² MIS – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM.

³³ NOTA sobre “Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar casaca de neném”.

Amigo velho
Amei o teu conselho
Amei o teu vermelho
Que é de tanto ardor
Mas quis o verde
Que te quero verde
É bom pra quem vai ter
De ser bom sofredor
Pintei de branco o teu preto
Ficando completo
O jogo de cor
Virei-lhe o listrado do peito
E nasceu desse jeito
Uma outra tricolor.

Os anos 1970 provocam mudanças nas composições de Chico Buarque: o samba ingênuo e prazeroso de suas canções inaugurais cede vez a uma crítica contundente ao regime político vigente. O brasileiro que ele cantou anteriormente não tem mais muitos motivos de alegria e descontração, uma vez que sofre os efeitos de uma feroz ditadura. O futebol passa, pois, a ter outra função que não a de ilustrar o lazer descompromissado do homem comum. Em “Deus lhe pague” (1971), por exemplo, o eu lírico já o menciona no contexto de uma crítica irônica ao “pão e circo” promovido pelo governo.³⁴ Eis um trecho da letra:

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pelo prazer de chorar e pelo “estamos aí”
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus lhe pague.

“Partido alto” (1972), ao caracterizar o brasileiro sofrido, contempla também, na estrofe final, sua paixão pelo futebol:

Deus me fez um cara fraco, desdentado e feio
Pele e osso simplesmente, quase sem recheio
Mas se alguém me desafia e bota a mãe no meio
Dou pernada a três por quatro e nem me despenteio
Que eu já tô de saco cheio
Deus me deu mão de veludo pra fazer carícia
Deus me deu muitas saudades e muita preguiça
Deus me deu perna comprida e muita malícia
Pra correr atrás de bola e fugir da polícia
Um dia ainda sou notícia.

³⁴ Lembremos-nos do uso político que os militares fizeram da vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970.

Em “Jorge Maravilha” (1974), com o pseudônimo de Julinho da Adelaide, adotado pelo compositor para escapar dos constantes vetos às suas canções efetuados pelos censores da ditadura, Chico faz uma breve menção ao futebol, ao falar do Flamengo, vulgo “Mengo”:

Você não gosta de mim
Mas sua filha gosta
Você não gosta de mim
Mas sua filha gosta
Ela gosta do tango, do dengo
Do Mengo, domingo e de cócega
Ela pega e me pisca, belisca
Petisca, me arrisca e me enrosca
Você não gosta de mim
Mas sua filha gosta.³⁵

Na canção “Meu caro amigo” (1976), composta em parceria com Francis Hime para o teatrólogo Augusto Boal, na época, exilado em Lisboa, a menção ao futebol, insistentemente apresentada no refrão, funciona como uma “senha” para que o compositor se permita aludir àquilo que não podia ser dito, a saber: os graves problemas por que passava a população brasileira em tempos de ditadura: “Aqui na terra tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock’n’roll / Uns dias chove, noutros dias bate sol.”

Em 1978, “Até o fim”, que dialoga com o “Poema das 7 faces”, de Carlos Drummond de Andrade”, o futebol retorna. Para provar que é mesmo *gauche* na vida, o eu lírico afirma nas duas primeiras estrofes:

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim.

Da peça *Ópera do malandro*, a canção “Doze anos” (1977-1978), parodiando o clássico poema “Meus 8 anos”, de Casimiro de Abreu, nos traz o futebol de rua, com

³⁵ Muitos vislumbraram nessa canção uma referência ao general Ernesto Geisel, cuja filha, Amália Lucy, afirmara ser admiradora do compositor. Mas Chico desmente essa intenção: “Aconteceu de eu ser detido por agentes de segurança, e no elevador o cara me pedir um autógrafa para a filha dele”. Algum tempo depois, ainda declara a respeito: “Nunca fiz música pensando na filha do Geisel, mas essas histórias colam, há invencionices que nem adianta mais negar.” Cf. *HOMEM. Histórias de canções*: Chico Buarque, p. 127-128.

alguns traços biográficos se misturando à ficção, uma vez que o compositor afirma ser adepto das cidades e não do campo, como se viu.

Ai, que saudades que eu tenho
Dos meus doze anos
Que saudade ingrata
Dar banda por aí
Fazendo grandes planos
E chutando lata
(...)
Ai, que saudades que eu tenho
Duma travessura
O futebol de rua.

Da mesma peça, “Tango do Covil” (1977-78) menciona brevemente o futebol:

Ai, quem me dera ser Gardel
Tenor e bacharel
Francês e rouxinol
Doutor em champinhom
Garçom em Salvador
E locutor de futebol
Pra te dizer febril
Bem-vinda.

No final da década de 1970, também em parceria com Francis Hime, Chico compõe “Pivete” (1978), na qual se inicia a homenagem a dois de seus ídolos futebolísticos (Pelé e Garrincha):

No sinal fechado
Ele vende chiclete
Capricha na flanela
E se chama Pelé
(...)
E tem as pernas tortas
E se chama Mané.

Nos anos 1980, algumas canções abordando o futebol antecedem sua mais importante composição sobre o tema (“O futebol”), que será comentada mais adiante. São elas: “E se”, de 1980, composta juntamente com Francis Hime, que trata de acontecimentos considerados improváveis (“É se o Botafogo for campeão”), numa crítica a um time rival ao do compositor; “Piruetas”, de 1981, em parceria com Enriquez Bardotti, feita para o filme *O saltimbancos trapalhões* (“Não tô bom de bola”); “Pelos tabelas”, de 1984 (em que se alude ao Maracanã) e “Baticum”, de 1989, em parceria com Gilberto Gil, que fala *en passant* em Pelé (“Pelé pintou / Só não quis ficar”). Nos anos 1990, temos “Biscate”, de 1993 (“Quem que te mandou tomar conhaque / Com o tíquete que te dei pro leite / Quieta que eu quero ouvir Flamengo e River Plate”). Segundo o compositor, o time argentino entrou “só por causa da rima. River Plate era para rimar com leite...”.³⁶

³⁶ FERNANDES. A paixão antiga de Chico Buarque.

No último CD do compositor (*Chico*), cujas canções apresentam um tom nitidamente autobiográfico, duas delas trazem ainda o tema em questão. A primeira é “Barafunda” (2010), em que fatos diversos se confundem nas lembranças do eu lírico:

(...)
Foi Garrincha
Não, foi de bicicleta
Juro que vi aquela bola entrar na gaveta
Tiro de meta
(...)
Era Zinho era Pelé
(...)
É Garrincha, é Cartola e é Mandela.

A segunda é “Sem você nº. 2” (2011), em que o futebol entra novamente como lazer do próprio compositor, aí retratado. Vejamos a terceira estrofe da letra:

Pois sem você
O tempo é todo meu
Posso até ver o futebol
Ir ao museu, ou não
Passo o domingo olhando o mar
Ondas que vêm
Ondas que vão.

UMA POÉTICA DO COMUM³⁷

Se nessas várias canções o futebol aparece com funções distintas, mas que giram sempre em torno do “comum”, é em “O futebol” (1989) que o compositor parece concentrar toda a sua paixão pelo tema, além de abordá-lo de forma incomum. Vale destacar na íntegra a letra da canção:

Para Mané, Didi, Pagão, Pelé e Canhotoiro

Para estufar esse filó
Como eu sonhei
Só
Se eu fosse o Rei
Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata

³⁷ “Chico Buarque: uma poética do comum” é o título de pesquisa em andamento, financiada pelo CNPq, na qual procuro investigar a diversidade, plasticidade, mobilidade e insistência do comum na obra buarquiana: suas figurações e deslocamentos, sua não banalização, sua estetização, enfim, que me permita apontar *uma poética do comum*. A reflexão sobre o papel do futebol na vida e na produção de Chico constitui tão somente um dos pontos que têm sido considerados na investigação.

Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão

De flecha e folha seca
Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé
Para avançar na vaga geometria
O corredor
Na paralela do impossível, minha nega
No sentimento diagonal
Do homem-gol
Rasgando o chão
E costurando a linha

Parábola do homem comum
Roçando o céu
Um
Senhor chapéu
Para delírio das gerais
No coliseu
Mas
Que rei sou eu
Para anular a natural catimba
Do cantor
Paralisando esta canção capenga, nega
Para captar o visual
De um chute a gol
E a emoção
Da idéia quando ginga.

(Para Mané para Didi para Mané Mané para Didi para Mané
para Didi para Pagão para Pelé e Canhoteiro)

Na “tabelinha” do final da canção, o compositor “só lamenta ter deixado de fora, por questão de métrica, o atacante Zizinho”.³⁸

Em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, Wisnik faz uma cuidadosa leitura dessa composição buarquiana, da qual destaco alguns trechos. Inicialmente, ele retoma a questão da “elipse”, que, a seu ver, é o “procedimento poético ao mesmo tempo geral e específico que marca como traço a singularidade do futebol brasileiro”.³⁹ E que seria também a essência do drible,

³⁸ Cf. HOMEM. *Histórias de canções*: Chico Buarque, p. 262.

³⁹ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 309.

drible como finta, negaceio, sugestão de um itinerário que não se cumpre e que explora imediatamente o efeito-surpresa advindo, promessa de movimento *que não se dá se dando e se dá não se dando*, alusão a gestos que se insinuam e se omitem em fração de segundos, de modo a aproveitar a perturbação da expectativa provocada.⁴⁰

E o ensaísta chega finalmente à canção de Chico:

Chico Buarque formulou com precisão essa lógica paradoxal em verso, ritmo e melodia na canção “O futebol”, com alusão específica, na passagem, ao drible de Garrincha: “parafusar algum João / na lateral / não / quando é fatal / para avisar a fita enfim / quando não é / sim / no contrapé. (...) ao captar essa dialética vertiginosa, Chico Buarque constrói a frase elíptica em que, mais uma vez, a omissão dos verbos em torno do *não* e do *sim* é que diz a natureza do movimento que se caracteriza por escapar à percepção da sua instantaneidade, assim como à sua nomeação explícita.⁴¹

Ainda sobre a canção, ele declara:

O fato de que o compositor faça uma apologia do fazer futebolístico, em detrimento de seu próprio, não deixa de ser a sugestão, elíptica, de que *está construindo através do futebol um modelo de sua poética e mimetizando-o nos seus próprios ritmos, sílabas, sentidos, melodias – suas razões e suas rimas*.⁴²

Quanto aos aspectos poéticos que envolvem o futebol, também nas crônicas escritas posteriormente, em 1998, eles são ressaltados. Por exemplo, como já se viu, em “Nossos craques são todos mais artistas”, o cronista apreende (e intensifica) a poesia do gesto de Pelé ao comemorar um gol: “A parede de vidro, suspeito agora que foi o Pelé quem a espatifou a socos, no gesto que aos nossos olhos desentendidos parecia solto no ar.”⁴³ Em “Com meus botões”, o poético reside na perpetuação, via fantasia, da genialidade dos jogadores do passado que “na permanente edição da nossa memória vão produzindo novos lances memoráveis”.⁴⁴ Em “Gritos e sussurros”, Nilton Santos, Zizinho, Pagão, Castilho, Píndaro e Pinheiro fazem com que Chico sinta mais orgulho deles do que Paris sente de Voltaire, Victor Hugo, Cézanne e Debussy.⁴⁵ Reitera-se aí, pois, a ideia de que “(...) há certos momentos de genialidade do futebol, daquela capacidade de improviso, alguns relances que acontecem no futebol, que artista nenhum consegue produzir”,⁴⁶ mas que, via canção, Chico mimetiza na construção de sua poética, como sublinhado por Wisnik. Vale ressaltar, igualmente, que mesmo a prática do moleque “peladeiro” não deixa de ser estetizada pelo cronista, que se encanta, em “O moleque e a bola”, quando “ele corre de testa erguida no gramado liso feito um mármore”, além de suas jogadas permitirem que se considere a bola de futebol “como a sublimação do coco, ou a reabilitação do ovo, ou uma laranja em êxtase”.⁴⁷

⁴⁰ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 310-311.

⁴¹ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 311.

⁴² WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 317, grifo nosso.

⁴³ BUARQUE. *Nossos craques são todos mais artistas*.

⁴⁴ BUARQUE. *Com meus botões*.

⁴⁵ BUARQUE. *Gritos e sussurros*.

⁴⁶ FERNANDES. *A paixão antiga de Chico Buarque*.

⁴⁷ BUARQUE. *O moleque e a bola*.

Concluindo, foi possível perceber que, fazendo parte fundamental da vida de Chico Buarque e marcando, de alguma forma, sua produção musical desde o início, o futebol sofre deslocamentos significativos no percurso de suas canções: se nos anos 1960 aponta para o lazer (despreocupado) do homem comum, em seu caráter agregador, contribuindo para o “viver junto”, ele passa a ter uma função de crítica à ditadura militar nos anos 1970, até ser singularizado na década de 1980 e 1990 em crônicas e sobretudo na composição musical: nesta, por meio de uma técnica incomum, o compositor acaba por abordá-lo de forma única, estetizando-o e intensificando, assim, o poético inerente a ele. Ou, como acredita ainda Wisnik: Chico é capaz de poetizar os aspectos poéticos do futebol.⁴⁸



R É S U M É

Ce travail a pour but de réfléchir sur l'importance du football dans la vie, dans les chansons et dans quelques chroniques de Chico Buarque.

M O T S - C L É S

Chico Buarque, football, chansons et croniques

R E F E R Ê N C I A S

ANDREATO, Elifas. Papo cabeça pra pensar. *Almanaque Brasil*, ago. 2007. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_almanaque_0108.htm>. Acesso em: 4 fev. 2012.

CALADO, Carlos. O eterno mistério. Revista *Marie-Claire*, jul. 1999. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/marie_claire_99.htm>. Acesso em: 15 abr. 2012.

CARIELLO, Daniel; ARAÚJO, Thiago. Chico Buarque, na Brazuca: “Podendo eu vou até os 95”. *Brazucaonline*, mar./abr. 2010. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_brazuca_0410.htm>. Acesso em 18 mar. 2012.

CHICO O futebol. Direção: Roberto de Oliveira, Manaus, 1 DVD, EMI Music Brasil Ltda, 2005.

CHICO vai passando para o clima da Nova República, *O Globo*, 4 fev. 1985. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_ipanema.htm>. Acesso em: 2 abr. 2012.

FERNANDES, Rodolfo. A paixão antiga de Chico Buarque. *O Globo*, 10 maio 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_10_05_98.htm>. Acesso em 29 mar. 2012.

HOMEM, Wagner. *Histórias de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.

⁴⁸ Cf. WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 317.

- HOLLANDA, Chico Buarque de. Até a próxima. *O Globo/Estado*, 12 jul. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/frame.asp?url=artigo_proxima.htm&area=artigos>. Acesso em: 1 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. Os melhores momentos, *O Globo/Estado*, 5 jul. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/frame.asp?url=artigo_proxima.htm&area=artigos>. Acesso em: 6 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. Gritos e sussurros, *O Globo/Estado*, 27 jul. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_gritos.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. O moleque e a bola, *O Globo/Estado*, 21 jun. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_moleque.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. Com meus botões. *O Globo/Estado*, 14 jun. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_botoes.htm>. Acesso em: 13 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. Nossos craques são todos mais artistas. *O Globo/Estado*, 7 jun. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_craques.htm>. Acesso em 15 mar. 2012.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. Um tricolor em Roma. *O Pasquim*, 26 jun. 1969. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_um_tricolor.htm>. Acesso em: 5 fev. 2012.
- MACHADO, Josué. A vida dupla de Chico Buarque. *Revista Língua Portuguesa*, jun. 2006. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_lingua_062006.htm>. Acesso em 19 mai. 2012.
- MIS – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 11/11/66. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_11_11_66.htm>. Acesso em: 3 mar. 2012.
- NOGUEIRA, João. Jogando por música. *Jornal do Brasil*, 1995. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/frame.asp?url=entre_jb_95.htm&area=entrevistas>. Acesso em: 10 abr. 2012.
- NOTA sobre “Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar casaca de neném”, *O Pasquim*, 1970. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_ilmosenh.htm>. Acesso em: 15 abr. 2012.
- MEU COMPADRE Chico Buarque ou dos prazeres e vantagens de ficar pobre, *O Pasquim*, 1970. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_1970.htm>. Acesso em: 3 mar. 2012.
- REVISTA CAROS AMIGOS, dez. 1998. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/carosamigos_98.htm>. Acesso em: 5 abr. 2012.
- SILVA, Fernando Barros e. *Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- WERNECK, Humberto. Agora eu era herói. In: HOLLANDA, Chico Buarque de. *Tantas palavras: todas as letras & reportagem biográfica de Humberto Werneck*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 9-40.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZAPPA, Regina. Chico Buarque, canto e verso. In: _____. *Cancioneiro Chico Buarque, volume 1: biografia*. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2008. p. 16-142.